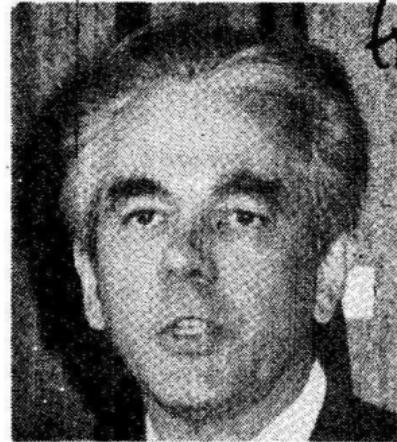


BC cuida da prorrogação

O presidente do Banco Central, Fernão Bracher, chega a Brasília, na manhã de hoje, para instruir o diretor para assuntos da dívida externa do BC, Antônio de Pádua Seixas, 53, quanto às formalidades da nova prorrogação do acordo provisório de rolagem da dívida externa do País. Após o acerto preliminar do ministro da Fazenda, Dilson Funaro, e do presidente do BC com o diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI), Jacques de Larosière, e com o presidente do comitê de assessoramento dos bancos credores, William Rhodes, Pádua Seixas deverá estar em Nova Iorque, na próxima quarta-feira, para cuidar do envio de telex aos 700 bancos credores do Brasil que formalizará o pedido da quarta prorrogação do acordo provisório, com o "aval informal" do Fundo.

Embora alguns bancos, sobretudo os de menor porte, devam demorar mais tempo para responder formalmente ao pedido de adesão à prorrogação do acordo que vence na próxima sexta-feira, a decisão favorável dos catorze bancos integrantes do comitê de assessoramento dos bancos credores tranquiliza o Brasil quanto à manutenção dos 15,2 bilhões de dólares de créditos de curto prazo — 9,8 bilhões de dólares de linhas comerciais e 5,4 bilhões de depósitos interbancários.

Sem a ameaça de colapso em seu comércio exterior ou nas agências externas dos bancos brasileiros, o Banco Central e os próprios bancos nacionais terão tempo para quebrar a re-



Fernão Bracher

sistência dos bancos credores, em sua maioria ressentidos com os prejuízos impostos pela quebra dos bancos Comind e Auxiliar, em novembro último. A ida de Funaro e Bracher ao Federal Reserve System (Fed) na semana passada deve facilitar o trabalho de convencimento dos bancos credores de 400 milhões de dólares do Comind e do Auxiliar de que tudo não passou de acidente de mercado.

Também preocupado em ampliar a captação de créditos comerciais e interbancários, o Banco do Brasil confirmou a viagem, no próximo fim de semana, do seu vice-presidente de operações internacionais, José Luiz Silveira Miranda, para Bahrain, Arábia Saudita, Catar, Iraque e Inglaterra. Como já informou o presidente do Banco Central, os banqueiros árabes formam um dos blocos de credores que mais resiste a novo acordo provisório para a dívida brasileira, o que justifica a ida de Silveira Miranda — pela sua experiência como ex-gerente do próprio Banco do Brasil em Nova Iorque e ex-diretor do BC — ao Oriente Médio.